

A EMPAREDADA DA RUA NOVA E OUTRAS HISTÓRIAS: Práticas e representações da mulher nos folhetins impressos na cidade do Recife(1870-1909).

Tereza Cristina Lopes de Albuquerque¹

INTRODUÇÃO

A historiografia dos *Annales* abriu um leque de possibilidades temáticas que ampliou as variedades de temas e enfoques para os estudos históricos. Desta forma, temas como o cotidiano, a família, bem como os sujeitos que estavam à margem da disciplina, ou seja, os loucos, os pobres, as mulheres, ganharam espaços e dimensões novas nas interpretações recentes.

Parte-se de um modelo teórico da História Cultural proposto por George Duby (1993) e Roger Chartier (1991) que fornece ferramentas básicas para se pensar nas atitudes mentais que formam a dominação do simbólico que interiorizada configuram pensamentos e ações.² Por sua vez, o conceito de história do cotidiano baseada nas ideias de Michel de Certeau (2002) - que caracteriza como o estudo das práticas, ‘artes do saber fazer’, costumes e relações sociais entre grupos humanos, marcadas por elementos corriqueiros, cotidianos e transversais - quebram regras pré-estabelecidas, transformam, inventam e (re) constroem novas realidades para a construção deste artigo, que mesclar Literatura e História.

Utilizaremos a memória para escrever esta história porque através dela muitos espaços do Recife foram fixados e materializados em uma vasta produção da linguagem, especialmente a literária. Encontraremos não só os Romances dos fins do século XIX que

¹ Mestranda em História Social da Cultura regional – UFRPE. E-mail: terezaalbuquerque555@hotmail.com

² O enfoque social e o entendimento do que seria a História Social tem aquecido o campo das discussões entre os historiadores. O surgimento da História Social está atrelado ao movimento dos *Annales*, que se utilizando do termo social buscava uma ruptura com a antiga História Política positivista, e abria um diálogo com a História Econômica. Muito já se discutiu as referências das supostas “divisões” em: História Econômica, Social, Cultural, das Mentalidades, entre outras. Neste sentido, seguimos uma perspectiva que tende a observar a História como um campo amplo que se confunde e se beneficia de outras dimensões e abordagens. Assim, compreendemos que a história recebe um tratamento diferenciado tornando-se multi-direcionada.

retrataram o Recife, mas também graças à pena dos principais intelectuais³ das primeiras décadas do século XX, a cidade não foi esquecida. Autores que, numa espécie de saudosismo, contradições, e obnubilados pelo passado, cantam esta cidade dos fins do século XIX. Por isso à cidade não faltam referências aos espaços das maxambombas, das casas de banhos, das pontes, dos seus chafarizes, do Rio Capibaribe, das modistas, das escolas, dos teatros, dos clubes, dos seus sobrados, das suas ruas, do porto, do comércio.

Subsidiados por esses escritores que se ocuparam da cidade do Recife, o objetivo deste trabalho é construir o perfil da mulher em fins do século XIX e início do XX (1870-1909) na sociedade e nos romances do Realismo em Recife, em especial do folhetim *A Emparedada da Rua Nova* do escritor Carneiro Vilella. Por essa análise poderemos perceber como elas eram vistas pela sociedade e retratadas nos Romances. Percorrer os espaços ocupados por elas é uma tentativa de compreender a ideologia da época a qual permitia e/ou impelia essas mulheres ocuparem o espaço público, para isso vamos inferir os limites delas, as suas transposições e o seu *entre-lugar*⁴ numa sociedade contraditória, misógena e marcada pelos ideais de modernidade.

O que subsidiará esta análise é a estreita ligação entre o novo perfil desta mulher nos fins dos oitocentos e as transformações ocorridas na sociedade recifense nesse período, pois os acontecimentos do final do século XIX influenciaram culturalmente a cidade, propalando um modo de pensar, de viver e de ser *civilizado*⁵ às elites e, por extensão, aos populares. Essa

³ A maioria dos intelectuais do início do século XIX, no afã de uma busca de identidade cultural, busca revisitar o Recife dos fins do século XIX através de seus textos científicos e literários, são alguns: Mario Sette, no livro *Arruar: História Pitoresca do Recife Antigo*; Gilberto Freyre, *Sobrados e Mocambos*; Manoel Bandeira, *Evocação do Recife*. Para maior esclarecimento ver: ARRAES, Raimundo. **O Pântano e o Riacho: A Formação do Espaço Público no Recife do Século XIX**, introdução.

⁴ Expressão criada pelo pesquisador Silvano Santiago no seu artigo: SANTIAGO, Silvano. **Uma Literatura nos Trópicos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, e utilizado amplamente no campo discursivo dos Estudos Culturais. Entendido como um movimento de resistência do colonizado à imposição dos valores do colonizador, resistência baseada na diferença, dentro de um processo crítico e irreverente. Numa perspectiva foucaultiana, 'esse termo possibilita a ativação de forças de descentramento e de desconstrução, inerentes à concepção pós-disciplinar e ao trabalho de exposição e agressão do pensamento metafísico ocidental, efetivados pelos atuais estudos de cultura'. Para ver mais consultar o ensaio: SOUZA, Marcos Aurélio dos Santos: *O entre-lugar e os estudos culturais*. Travessias número 01, p. 1. revistatravessias@gmail.com. Aqui, o termo faz analogia à resistência das mulheres frente a um modelo tradicional acerca delas.

⁵ A expressão surgiu na França no século das luzes, o XVIII. Decorrente da palavra 'Civilização'. Esta era entendida como um estado realizado, originado de civitas (ordenado, educado), em oposição, portanto, ao estado natural da barbárie. Mas este estado realizado também era caracterizado pelo seu desenvolvimento, isto é, um estado civil, civilizado, educado, que teve progresso. No discurso iluminista, nas sociedades capitalistas, a ideia de civilização era sustentada na crença da razão, que levaria o progresso às sociedades. A partir do período

reflexão é importante na medida que nos possibilita, dentro de um processo mais amplo, o influência cultural estrangeira, entender como esta cidade foi percebida pela sociedade e desenhada pelos escritores do período 1870-1909. Na mesma medida, nos próximos capítulos entenderemos o quanto este processo influenciou a narrativa dos principais intelectuais da época, sobretudo dos literatos e os seus romances- como o escritor Carneiro Vilella, Farias Neves Sobrinho, Manoel Arão, Teotônio Freire - e como eles percebiam a figura da mulher e as retratavam nos seus romances, inaugurando espaços, formando mentalidades⁶ ante uma outra mulher que se anuncia em fins do século XIX.

Nesse contexto, as novidades, ideologias e *suvenir* estrangeiros, ao *bom estilo francês*, revestiram-se de significados e significações quando transplantados para a cidade do Recife. À mulher coube também o papel civilizador, por isso ela foi uma das personagens que mais sofreu influência deste processo, importando formas de *fazer e ser* ao mesmo passo que negaram, engendraram e se resignaram, muitas vezes, às novas mentalidades trazidas da Europa. Estas influências fizeram eclodir na sociedade debates de ideias, muitas vezes contraditórias, acerca do papel da mulher na sociedade. Através das fontes, perceberemos que a emancipação feminina foi mote de muitas discussões na sociedade da época, o jornal foi o principal veículo de debates acerca dos direitos de igualdade entre homens e mulheres. O final do século XIX nos possibilita discutir sobre as estratégias de resistência da mulher numa sociedade misógina e, com isso, entender como *o belo sexo* foi retratado na sociedade da época e quais práticas sociais as representavam.

O SÉCULO XIX E O PROCESSO CIVILIZADOR

O século XIX foi, para a Europa e para o Brasil, um século de profundas transformações orientadas por um conjunto mais ou menos definidos de ideias como:

final do século XVIII, o termo cultura passou a ser utilizado como correspondente ao termo civilização. Para mais detalhes cf. SILVA, Maciel Henrique. & SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ª ed. 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008. p. 59-63.

⁶ Apesar da amplidão de conceitos que o termo ‘Mentalidades’ ganhou a partir do surgimento da Nova História, ele aqui representa práticas e representações cotidianas, ou seja, “atitudes mentais de uma sociedade, os valores, sentimentos, o imaginário, os medos”, os gestos, e antes de mais nada, toda uma simbologia percebidas por práticas sociais e culturais, não desconexas e descontextualizadas de outros aspectos sociais, como a economia e a política, que permeiam numa sociedade num dado momento e espaços. Para mais detalhes cf. SILVA, Maciel

liberalismo, democracia, capitalismo, e, por fim, socialismo. Em fins deste século, na *Belle époque*, vivia-se o apogeu da Revolução Industrial, período marcado pelo clima de euforia e progresso material que a burguesia industrial experimentava, esse mesmo progresso colocava os países europeus na vanguarda das conquistas científicas e culturais, irradiando para os países ocidentais costumes, comportamentos, letras, moda, filosofias.

Nesse período, a urbe assume definitivamente o local da sociabilidade, das conquistas científicas e materiais, do progresso, da civilização; assumindo, em fim, a posição de berço da modernidade. Destarte, mediante a dimensão cultural e social da cidade, ela não representava apenas um emaranhado de ruas, vielas, praças, avenidas. Como espaço social, ela dizia muito dos seus habitantes, já que os espaços públicos urbanos se caracterizavam como lugares de trocas, de encontros e de vivências múltiplas, ou seja, lugares de vida pública. Na cidade havia o burburinho, a agitação, o frenético alariado das ruas e todos os subterfúgios da modernidade, como o automóvel, a fotografia, o bonde, o telégrafo, o telefone. A cidade era um misto de inquietude e contemplação e, por isso, foi marcada também como espaço de contradições. Esse foi o elemento mais marcante destes tempos. Por mais que se buscasse apresentar a cidade como o lugar da ordem institucional, a *desordem* também era o amálgama que constituía esse espaço.

Na segunda metade desse século, a Europa foi influenciada por importantes transformações econômicas, políticas, sociais da época. Surgem correntes científicas e filosóficas de destaque, como o Positivismo de Augusto Comte, para o qual o único conhecimento válido é o que vêm das ciências; o Determinismo de Hippolyte Taine o qual defende que o comportamento humano é determinado pelo meio, a raça e o momento histórico; e a seleção natural de Charles Darwin, a qual os organismos mais aptos sobrevivem ao meio externo. Esses pensamentos científicos europeus eram as bases que fortaleciam a ideia de civilização e progresso. Essas teorias, dotadas de Razão e de cunho empírico, ecoavam para as estruturas sociais dos países ditos periféricos, como o Brasil, por exemplo, influenciando no espaço cultural e intelectual da nação. Essa influencia existia desde o planejamento urbano, com a arquitetura das principais cidades, até à Literatura, com a modificação dos perfis femininos e novos valores sociais exaltados.

No âmbito cultural, social e político, era o século da Razão impulsionando todas as transformações ocorridas ao longo deste período. Através de um processo de racionalização, ideologia ilustrada⁷ e ideias liberais, associado a um conjunto de valores culturais, a modernidade foi se moldando, tomando forma, se ajustando e se fixando às realidades locais. *“O progresso científico e material, associado às revoluções sociais, foi responsável pelo surgimento de um novo tipo de indivíduo que aos poucos foi abandonando velhos costumes e crenças, buscando abraçar novas mentalidades, guiado pela “luz da ciência e da razão”* (VASCONCELOS. 2011:15). No mesmo impulso ideológico destes novos tempos, num processo de acomodação intelectual e cultural, as cidades precisavam ser modificadas, adaptadas e reordenadas a uma lógica de progresso.

Durante todo o século XIX ocorreram profundas transformações sociais, econômicas e políticas. No final desse século e início do século XX, a modernidade e todos os seus subterfúgios, telefone, bonde, locomotiva, telégrafo, farão parte do cotidiano das principais cidades brasileiras. É neste século que ocorreram importantes fatos da vida pública no Brasil: abertura dos portos, vinda da família Real, Lei Eusébio de Queirós, Lei Áurea, Guerra do Paraguai, maior urbanização, fundação do Partido Republicano, início da industrialização. Marcus J. M. de Carvalho(1998) desataca que a abertura dos portos às nações amigas, em 1808, causou um profundo impacto na vida material e cultural brasileira. Segundo ele, os habitantes mais atingidos foram os das cidades, principalmente as que tinham portos e que recebiam embarcações de outros países com mercadorias e com um volume bastante significativo de estrangeiros. Com a vinda da corte portuguesa para o Brasil cerca de 14.000 pessoas acompanharam D. João VI e se instalaram no Rio de Janeiro. Os estrangeiros, como os franceses, ingleses e americanos, representantes da modernidade do Brasil, já no

Contexto, 2008. p. 279-283.

⁷ Termo utilizado pelo crítico literário Antônio Cândido a cerca dos ideais ilustrados (conhecimento e saber), advindos da Revolução Francesa e Iluminismo e acomodados nas sociedades Latino-americanas. Para o professor Antônio Cândido, “A história dos ideais ilustrados na América Latina tem, às vezes, um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade. O saber como salvação acabava como teoria de poucos eleitos. Na América Latina, as condições locais puseram a nu a contradição fundamental da ideologia ilustrada, que desaguava quase inevitavelmente na delegação de função às elites. O propalado bem comum ficava no limbo da utopia se os povos não lutassem pela sua realização”. CANDIDO. Antonio. **A perversão da Aufklärung**. In: Textos de intervenção. 34.^a ed., São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 321.

início do século, por um processo de transplantação cultural, influenciaram a população com o seu modo de vida diferente do local.

Para o Historiador Raimundo Arrais(2004:13),

A cidade do Recife, nesse contexto, é investida de uma função pedagógica. Nela se exercia o papel formador, onde se devia moldar valores e modelos de condutas. Em sua materialidade, o local público foi objeto do esforço de administradores e médicos que se empenharam em convertê-lo em meio a instrução e ensinamento dos novos costumes de civilidade, de ordem pública de salubridade.

Confirmando este pensamento, já em fins da primeira metade do século XIX, a administração do Barão da Boa Vista cujo objetivo era tornar o centro da cidade mais aprazível aos olhos da elite e dos estrangeiros aponta mudanças urbanísticas significativas na cidade que deram mote, nos períodos posteriores a essa administração, a novas reformas. Deste período, 1848, até 1909 foram abertas novas ruas, estradas, pontes e prédios públicos foram construídos, como a Ponte da Boa Vista e o Teatro Santa Isabel, o Hospital Pedro II, a casa de Detenção, o Cemitério público, o Palácio Presidencial, padronização dos prédios, instalação de luz pública a gás, nomeação das ruas e numeração as casas, abastecimento de água, sistema de saneamento .

Vetor principal dos ideais da modernidade, o espaço urbano deveria cumprir uma função *civilizadora*, já que ele é o elemento que participava dos diversos afrontamentos e acontecimentos que se dava no social, fruto de relações dos seus diferentes agentes sociais em um dado momento histórico. Esse espaço era plástico, maleável, moldável e, por isso, passível de dissolução, desconstrução, ressignificação, sempre que as relações de poder fossem deslocadas⁸. Novas mentalidades, neste período, modificam substancialmente o espaço físico e social da cidade. E estas modificações podiam ser percebidas nos gestos, nas roupas, na arquitetura, nas artes e, principalmente, nos discursos. Estes construíram e fomentaram novas mentalidades, sobretudo no que concerne ao papel da mulher na sociedade.

Fundados na consciência de que as mentalidades sociais subsistem, enfraquecem, resistem, permanecem, mas também se modificam ao longo da história, o final do século XIX, no Brasil e no mundo, traz à tona situações e possibilidades que em muito contrastam com as mentalidades anteriores a esse tempo. Essa percepção de transformações sociais ocorridas no

mundo e no Brasil devem sempre ser compreendidas num processo dinâmico e constante, o romance publicado nos jornais acompanham as transformações sociais e culturais do século XIX. O perfil da mulher, ao longo dos anos, sofreu modificações, readaptações à nova conjuntura social, ou seja, ele não se dissociou do processo histórico. A urbanização do final do século XIX possibilitou maiores oportunidades de investimento, emprego, mobilidade social e mobilização política – oportunidades que, por sua vez, fomentaram transformações na consciência e gradativamente afrouxaram as relações sociais tradicionais impostas às mulheres (BESSE, 1999).

Para as pesquisadoras Alcileide Cabral e Noêmia Pereira da Luz (2012), os acontecimentos dos oitocentos, com sua maior urbanização, modificando mais o Recife, contribuiu para uma maior possibilidade de evolução dos papéis das mulheres na sociedade. Essas modificações possibilitam as mulheres obter ganhos jurídicos, intelectuais e materiais que pouco a pouco delineiam um perfil feminino condizente com o a era da *Modernidade*. Neste momento, o espaço público ganho por elas é o mais notável em comparação aos séculos anteriores. Não se deve entrar no mérito aqui de que as transformações e mudanças de hábito da população bem como as mudanças de mentalidades a cerca da mulher ocorreram de forma abrupta e/ou inócua, somente para a mulher da elite. Não, esse processo, gradativamente, estendeu-se, num maior ou menor grau, também, às populares; e estas modificações, na medida das necessidades e realidades de cada uma, foram adaptadas por todas. Graças ao contexto do fim dos oitocentos e início do século XX, a ideia de total submissão da mulher veiculada ao longo da história do país e reproduzida por muitos intelectuais do século XX foi contestada. Isto se deu por causa das modificações nas relações sociais entre homens e mulheres, confirmando que a história para alguns pode até mesmo se repetir, mas não com os mesmos atores sociais e nem nas mesmas condições materiais e culturais.

Para que ocorressem pequenos ganhos sociais para as mulheres, vários fatores foram decisivos cidade do Recife: os transportes urbanos, pois eles vão impulsionar não só a urbanização da cidade mas também se constituíram como elemento fundamental para uma

⁸ MUNIZ, Durval de Albuquerque Jr. **Zonas de encrencas**: algumas reflexões sobre poder e espaços. Disponível: http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remessa/zonas_de_encrenca.pdf. Acesso em 28/12/2012.

maior mobilidade social da mulher, ampliando as oportunidades de emprego e entretenimento; o trabalho exercido por elas na cidade, isto porque as diversas profissões permitiram às mulheres transitarem mais no espaço público; o espaço conquistado na imprensa, note que primeiro jornal para mulheres, no Estado de Pernambuco, foi *O Espelho das Brasileiras*- em 1831- houve outros dirigido pela sociedade secreta *Ave Libertas*, com conotações mais políticas por ocasião da campanha abolicionista na cidade; maior acessibilidade aos espaços sociais, pois nesse cenário as mulheres gozam de maior liberdade ao usufruir dos cafés, teatros, da moda e das novas formas de sociabilidade; a educação formal para as mulheres, essa intelectualização possibilitou um acesso sistemático às ruas; a própria modificação na arquitetura da cidade que aproximou o público do privado, muitas vezes, da sacada da casa a mulher via a rua e era vista por ela; no espaço jurídico, temos, por exemplo, o primeiro momento de envolvimento do Poder Judiciário Republicano no processo de normalização dos comportamentos sexuais, Código Penal de 1890, como também, na esfera cível, temos a diminuição da maioridade de 25 anos para 21 anos; na literatura, o Realismo introduzido em fins do século XIX nos seus romances, em Recife e no Brasil, ocupa-se de uma mulher transgressora⁹, que rompe com o modelo de mulher-mãe propalado pela Igreja e pelo romance de conduta do Romantismo. Essa leitura da mulher permite uma maior visibilidade e autonomia feminina no imaginário da sociedade brasileira¹⁰ e novas formas de questionamentos ao modelo anterior; outro fator na cidade do Recife e no Brasil que impulsionou uma maior liberdade à mulher foi a criação da Escola do Recife¹¹ cujo ideal

⁹ Entenda-se transgressão no sentido metafórico de ultrapassar limites, independentemente das coerções que lhe serão imputadas. Corresponderia a desobediência, irreverência, contestação, insubmissão, rebeldia, insubordinação, subversão, blasfêmia, iconoclastia sempre contra um sistema, rígido e intolerante, cerceador da liberdade ilimitada que ele almeja privilegiar.

¹⁰ A estética do Realismo é um movimento artístico que se manifesta na segunda metade do século XIX. Caracteriza-se por uma abordagem objetiva da realidade pelo interesse por temas sociais. O Realismo representa uma reação ao subjetivismo Romântico, os temas possuíam como características: a reprodução da realidade observada; a objetividade no compromisso com a verdade, personagens baseadas em indivíduos comuns; as condições sociais e culturais das personagens são expostas; lei da causalidade; linguagem de fácil entendimento; contemporaneidade e a preocupação em mostrar personagens nos aspectos reais. Nesta estética literária, sobretudo na figura do escritor Machado de Assis, a mulher ocupa um *topos* especial quando o autor demanda a ela características psicológicas como astúcia, dissimulação, altivez, desejo e transgressão.

¹¹ Termo utilizado por Silvio Romero para designar o movimento intelectual, poético, filosófico, crítico, jurídico, que começou por volta de 1860 e foi até o começo do século XX. Escola do Recife, em 1870, foi um movimento de caráter sociológico e cultural que tomou lugar nas dependências da Faculdade de [Direito](#) do Recife, representou uma importante renovação intelectual no Brasil.

era propagar a civilização e progresso, neste contexto, a mulher *moderna* precisava deixar velhos hábitos e se enquadrar no modelo de *civilização*.

A TRANSGRESSÃO DA MULHER NA LITERATURA

O ideal de *civilidade* era *salvar* a população da barbárie, imprimindo arquitetura, hábitos e costumes europeus. As obras de remodelação da cidade foram inspiradas no modelo urbanístico da capital francesa. A influência art-nouveau era representada na arquitetura das fachadas, nas avenidas, nos jardins, nas praças públicas, no sonho de uma *Paris tropical*, a qual refletia a ideologia que alimentava nossos intelectuais, na tentativa de construção de uma identidade com novos parâmetros civilizatórios, por intermédio de um ideal ufanista de nação. *O raciocínio se desenvolve da seguinte forma: se a raça avilta a nação, a geografia a redime.*¹²

Esse processo civilizador irá de sobremaneira influir no cotidiano das mulheres, sobretudo as que moravam nas cidades. Este desejo de *progresso* e *civilização* participava de todos os fenômenos das esferas sociais e, na literatura, em especial com o Romance Romântico, já que este constituiu não somente um importante objeto lúdico e criativo, mas também pedagógico e prescritivo, pois representavam os valores sociais de uma classe, a da burguesia (Moisés, 2001). Como objeto a ser transplantado, ele representou um dos caminhos seguidos pelas elites para propagar o ideal de civilização. Esse mesmo Romance foi se reordenando às novas mentalidades dos fins dos oitocentos dentro de um processo contínuo, constante, ele foi um dos principais veículos de ideologias racionalista e cientificista dos fins do século XIX, estendendo suas influências em todos os espaços ocidentais, desde o global, nos principais países europeus, até o local, nas principais cidades brasileira. Recife foi uma delas.

No romance moderno a figura da mulher variou conforme as mudanças de mentalidades. Não se podia, por exemplo, por mais ideológico que a transplantação fosse, diante das adversidades do contexto histórico e cultural do Brasil no século do Romantismo

¹²VELLOSO apud Aissa Afonso Guimarães p.14, artigo consultado em 24.02.2013 no site http://www.revistahumanas.org/aissa_artigo1.pdf

européu, querer que José de Alencar¹³ e/ou outros escritores românticos se posicionasse diferentemente da postura literária que tiveram na construção do perfil social feminino. Lógico que, mesmo havendo, em alguns momentos, por parte dele e de outros escritores, rupturas com o modelo proposto para a época, como o Romance *Senhora*¹⁴, a maioria dos autores reproduziram muitos discursos misógenos. A justificativa para isso é simples: não se pode esquecer de que desde o período colonial as mulheres viveram sobre os velhos costumes herdados de Portugal, que ressaltava um modelo conservador para o seu comportamento. Seriam elas virtuosas, honestas, honradas, discretas, obedientes e submissas, este era o tipo de mulher ideal para contrair matrimônio. Esse discurso transplantado para o Brasil definiu a mulher como frágil, com limitada capacidade intelectual e ser inferior, Sueli Almeida (2003:30) diz que

Os homens sabem que as mulheres não são incapazes, é isso que assusta e é disso que se deve prevenir o homem [...] Assim, o que admoestava no sentido de tratá-las com cautela, pondo limites nos espaços possíveis para que exercitassem suas habilidades. O projeto esboçado por autores de obras portuguesas que tratava de casamento, comportamento feminino, informa que se deve mantê-las em uma ignorância verdadeira ou simulada, a bem de um entendimento conjugal e da preservação do poder e orgulho masculino, concluindo que, depois de avaliados os prós e os contras, a melhor educação para a mulher são a almofada e o bastido.

Nesse contexto, a literatura deveria ser mais um veículo de ideologia das elites, pois não se pode esquecer que o casamento representava um importante valor burguês a ser considerado como projeto de vida feliz (MOISÉS, 2001), pautado, sempre, na felicidade, união, bênção de Deus, e procriação. Por isso se quiséssemos outra postura do autor, seria não situar o homem e o seu trabalho espiritual no momento histórico e social de sua época. Isto porque os perfis de mulher da época se prestavam a uma moral sexual monogâmica e com finalidade procriativa, contribuindo para a consecução do progresso e de civilidade social almejado

¹³ José de Alencar é considerado por muitos críticos literários o maior romancista do Romantismo brasileiro, bem como um dos maiores escritores de nossa literatura. Abrangeu em sua obra todo um perfil da cultura brasileira, na busca de uma identidade nacional que transcorresse os seus aspectos sociais, geográficos e temáticos, numa linguagem mais brasileira, tropical.

¹⁴ *Senhora* é uma das últimas obras escritas por José de Alencar. Ele explora a temática do casamento como forma de ascensão social, dando início a uma discussão sobre certos valores e comportamentos da sociedade carioca da segunda metade do século XIX. Mesmo ainda presa no modelo narrativo romântico, onde o amor é visto como o único meio de redimir todos os males, “*Senhora*” apresenta alguns elementos inovadores, que prenunciam a grande renovação realista, tais como: a vigorosa crítica à futilidade comportamental e à fragilidade dos valores burgueses resultantes do capitalismo brasileiro emergente e certo grau de introspecção psicológica. A personagem feminina é caracterizada pela transgressão e comportamentos, num primeiro momento da narrativa folhetinesca, que destoam do modelo de mulher proposto pela sociedade.

pelos elites, pela Igreja e pelos poderes públicos locais, daí porque chamaram os folhetins românticos de Romances prescritivos ou de conduta (VALÉRIA, 1998). Confirmando o célebre verso do poeta Fernando Pessoa quando diz que *o mito é o nada que é tudo*¹⁵, ou seja, ele existe a serviço da construção de um imaginário a favor do interesse de uma minoria, confirmando que a manipulação do símbolo é a condição *sine qua non* para os momentos de mudança coletiva e social.

Mas não se pode desprezar o caráter dinâmico deste gênero literário e o estilo de época no qual ele está inserido. Em fins do século XIX, com o Romance do Realismo¹⁶, existe uma sensível mudança de perfil das personagens femininas. Grandes nomes de protagonistas como Virgília, Capitu, Aurélia, Clotilde começam a desfilar no imaginário da sociedade da época, não só em cidades do Rio de Janeiro, pelas mãos de Machado de Assis ou José de Alencar, mas também, no caso da última, pelos nossos escritores, como Carneiro Vilella. *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*, o romance como incorporador dos valores sociais de uma determinada época acompanha também as novas mentalidades desta mesma sociedade e, num maior ou menor grau, se adapta aos valores dessa sociedade.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOCIAIS DO ROMANCE A EMPAREDADA DA RUA NOVA DE CARNEIRO VILELA

Carneiro Vilela era jornalista, poeta, romancista, teatrólogo, diplomado em Direito (1866), exerceu cargos na magistratura e outras funções públicas em Pernambuco e outras Províncias. Em 1901, fundou com outros escritores da época a Academia Pernambucana de Letras. Tinha uma produção literária atuante nos meios intelectuais locais, foi dono e fundador de vários jornais de curta existência e esteve envolvido em vários combates travados pela imprensa. Participou, ao lado de outros grandes nomes como Araripe Júnior, Castro Alves, Tobias Barreto do movimento intelectuais na cidade, sua condição de Bacharel em Direito lhe proporcionou estudar diversas correntes de ideias que marcaram o Recife nas

¹⁵ Verso do poeta português Fernando Pessoa na sua poesia 'Ulisses', existente no seu poema épico Mensagem.

¹⁶ A estética do Realismo é um movimento artístico que se manifesta na segunda metade do século XIX. Caracteriza-se por uma abordagem objetiva da realidade pelo interesse por temas sociais. O Realismo representa uma reação ao subjetivismo Romântico, os temas possuíam como características: a reprodução da realidade observada; a objetividade no compromisso com a verdade, personagens baseadas em indivíduos comuns; as condições sociais e culturais das personagens são expostas; lei da causalidade; linguagem de fácil entendimento; contemporaneidade e a preocupação em mostrar personagens nos aspectos reais.

últimas décadas do Oitocentos e que ficaram genericamente conhecidas como a Escola do Recife.

A pouco mais de cem anos, foi publicado, através folhetim, no *Jornal Pequeno* em Recife, o romance *A Emparedada da Rua Nova*, do escritor Joaquim Maria Carneiro Vilela (1846-1913), Escritor famoso em Pernambuco pela sua intensa participação nos meios intelectuais e pelas polêmicas jornalísticas das quais participara ao longo de sua vida. *A Emparedada da Rua Nova*, revela pontos importantes do cotidiano desta sociedade, como o espaço urbano, as festas, os tipos humanos marginalizados e, sobretudo, o papel da mulher na sociedade. Através de uma narrativa literária, o autor transporta o leitor para um tempo em que os fatos chegavam à população por meio dos jornais.

O livro possui como tema central o adultério e a desonra. Leandro, um conquistador, possui um polígono amoroso com três personagens femininas intrigantes: Celeste, Clotilde e Josefina. Mulheres emancipadoras para a época. O ponto mais alto do texto reside na resistência de Clotilde frente às ameaças de seu pai, Jaime Favais, abastado comerciante, culminando com o emparedamento dela pelo seu genitor. A violência ao extremo representa na obra uma forma de denúncia do autor frente ao problema social da mulher.

A prática do adultério se revela no texto como um fator de resistência feminina contra uma ordem estabelecida. Observa-se que o narrador não centra a sua atenção nos fatos em si, mas nas reflexões e consequências que eles provocam. Não se trata somente de uma história sobre adultério e desonra, mas sobre as condições culturais e pessoais formadoras dos que efetuaram ou foram envolvidos pelo ato.

O papel da mulher na narrativa folhetinesca é provocante e ousado para a época em que os fatos narrados se sucederam, as repercussões destes atos na *Emparedada da Rua Nova* colocam a mulher “frente ao seu tempo”, mostrando uma modificação do perfil feminino na literatura e sociedade recifense na segunda metade do século XIX. Essa literatura incorporadora de valores sociais, através de uma narrativa mnemônica, vai encontrar na criação literária de Carneiro Vilela espaços múltiplos. Apesar da existência de várias problemáticas sociais que o livro e a produção do autor apresentam, o que se propõe neste artigo é dar um enfoque histórico à questão do discurso político do autor frente ao problema social da mulher, como a violência praticada contra elas, situação de discriminação social, denunciando, por esta narrativa, a condição de submissão imposta a elas pelos homens.

É intrigante que um tema da emparedada, tão visitado pelo imaginário pernambucano – ao ponto da sociedade da época cogitar a ocorrência real do emparedamento - tenha deixado de suscitar no meio acadêmico questionamentos, atenção e estudo. Talvez seja pelo caráter reducionista que a crítica tende a fazer quando busca situar obra literária apenas sob o aspecto formal, como assinalou Varejão Filho (2005) no prefácio da obra em tela.

Na diegese da obra, os personagens se caracterizam por uma dualidade extremada, dilacerados entre as necessidades exteriores de decoro social, que implica em comportamentos civilizados, e no forte apelo dos instintos de lubricidade quase animais, que os leva às mais diversas perversões e taras, imperando um clima quase de permanente farsa e hipocrisia que domina as relações sociais. Suas motivações são descritas através de um forte perfil psicológico, no qual não faltam descrições de teor cientificista, tão em voga à época. O uso abundante do jogo de ironias é traço inconfundível da obra.

O caráter investigativo deste estudo teve origem em questões culturais e sociais acerca do papel da literatura como incorporadora crítica de realidades sociais, não se pretende com isso esgotar todas as possibilidades de pesquisa acerca da obra de Carneiro Vilela, esta conserva em si uma gama de interpretações devido a sua densidade, e sim fazer um recorte sociocultural. A importância da análise do discurso ideológico do autor é fundamental, as relações que subjazem entre autor, obra e público, e como se deu na época as condições de produção do texto e as relações de poder inseridas nele traça um perfil feminino da mulher no período da narrativa até a data de publicação do texto vileliano, *A Emparedada da Rua Nova*, principalmente no que diz respeito às questões de violência praticadas contra a mulher. Segundo a Joan Scot “*o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder*” (SCOTT, 1996, p. 14). Isto ajuda a entender como o discurso da época ditava as normas que definiam o comportamento de homens e mulheres na sociedade oitocentista. Através de ecos de conjecturas a cerca de uma ‘possível’ história que acontecera na cidade do Recife na virada do século XX, motiva esta discussão. A história de uma menina que fora emparedada pelo seu próprio pai.

A violência já assinalada pelo título do romance instiga um mesclo de horror e preocupação com a violência praticada contra as mulheres. Essa estreita ligação entre leitor, autor, leitura e texto nos faz observar a importância do impacto social da obra vileliana a

favor de uma maior emancipação da figura feminina, quer no campo literário, como incorporador de valores da estética realista, quer no campo político, disseminador de um discurso político mordaz que denunciava a violência e opressão pela qual as mulheres passavam.

A concepção bakhtiniana da linguagem traz à luz conceitos importantes para a análise do texto de Vilela, isto porque o discurso deve ser visto, de acordo com Bakhtin (1997), dentro de uma concepção interacionista, ou seja, deve-se analisar o enunciado inserido num contexto de enunciação, esta concepção leva em consideração a situação social dos interlocutores, os universos axiológicos desses, elementos espaços-temporais que engendram o ato comunicativo.

Os crimes sexuais no Brasil é um tema importante que vem sendo estudado pela historiografia das últimas décadas. Praticando o adultério, as mulheres resistiam a uma ideologia de poder. Essa era a forma pela qual o discurso dominante e opressor buscou sair ileso naquilo que lhe era mais caro ‘a preservação da honra e dos bons costumes’. Na obra de Vilela, o autor aponta esta realidade nos casos de adultério, o papel da polícia como cúmplice passiva do assassinio evidencia isto, o autor, em vários momentos das narrativas, faz críticas veementes a esta instituição.

A família e a igreja também são criticadas. A convivência das instituições públicas no que tange a violência contra a mulher na esfera privada nas obras do autor busca delimitar duas esferas sociais: a pública e a privada, em que esta já possuía suas próprias leis e castigos. Por isso haverá uma análise do discurso entre as relações de poder inseridas na obra e como este discurso legitima a violência contra a mulher.

A prática da reprodução da violência contra a mulher encontra-se presente, para além de certos aspectos da legislação, no conteúdo de argumentos jurídicos e decisões judiciais, existe uma ideologia que busca legitimar estereótipos, preconceitos e discriminações contra as mulheres que sofrem violência, desqualificando-as e convertendo-as em verdadeiras réis dos crimes nos quais são vítimas. Infelizmente, essa prática ainda é bastante comum e pode ser vista, tanto hoje como na época em que os fatos foram narrados, em processos de delitos sexuais praticados contra mulheres.

É nos chamados “crimes contra honra” e, em geral, em casos de agressões e homicídios contra mulheres, praticados por homens, geralmente pais, maridos, concubinos e

amasios. Essa violência, juntamente com um discurso opressor visava, dentre outras acepções, minimizar a atuação das mulheres dentro e fora do espaço privado. Seria uma espécie de recado utilizado dado a elas para que as mesmas não transcendessem, pois, dessa forma, exigia um comportamento baseado em submissão, docilidade e virtude.

Na Literatura, no Direito, na Religião, em fim, na sociedade o discurso opressor contra a mulher buscava ser legitimado, por exemplo, a título de “defender a honra conjugal e/ou do acusado”, buscando justificar o crime, garantir a impunidade ou a diminuição da pena, que na esfera jurídica, por exemplo, operadores do Direito lançam mão da tese da legítima defesa da honra ou da violenta emoção, e de todo e qualquer recurso para desqualificar e culpabilizar a vítima pelo crime, em um verdadeiro julgamento não do crime em si, mas do comportamento da mulher, com base em uma dupla moral sexual. Na literatura, Carneiro Vilela mostra, na *Emparedada da rua Nova*, como esse dispositivo legal, associado a uma moral social e religiosa, era considerado legítimo para a sociedade da época.

Ora, associada às restrições sociais e psíquicas impostas às mulheres pela sociedade, estava também à cultural, pois o que predominava era uma ideologia dominante com o fim de minimizar a ação da mulher, pautada num discurso que buscava a todo custo preservar o matrimônio, esta ideologia não somente era imposta às mulheres como também ideologicamente perpetrada como verdade a ser seguida. Um caminho para isso era a fidelidade conjugal, fazendo do adultério, um tabu, ato criminoso, vergonhoso, segregador, que possuía a morte como penalidade máxima, maneira pela qual o homem podia “lavar a sua honra”. O próprio livro traz o leitor a essa reflexão, o adultério possibilita na narrativa reivindicações por mais emancipação, tanto na voz do narrador, como nas vozes dos personagens femininos isto é uma constante.

A violência *N'a Emparedada da Rua Nova* se traduz como forma de sufocar as reivindicações e conquistas das mulheres. Em uma análise do discurso do texto percebemos que o desejo de vingança por parte dos homens ofendido na sua honra, Jaime Favais e Cavalcanti, traduz-se em pensamentos homicidas, o que para o espaço social era legitimado pelo dispositivo legal da legítima defesa da honra matizado pelo discurso jurídico e religioso.

O sangue que lavava a honra, apesar de nos parecer trágico, fora bastante corriqueiro em nossa sociedade que inocentava os homens assassinos de suas mulheres, filhas e esposas, em prol da sua honra ultrajada pelo mau passo feminino. É importante lembrar que nossa

legislação, até 1916, teve por base as Ordenações Filipinas que, segundo Alexandre Zarias, “sobreviveram por mais de três séculos, sendo aplicadas por mais tempo no Brasil do que em Portugal [...]” (ZARIAS, 2008, p. 40). O livro V das Ordenações Filipinas é sintomático a medida que aponta os plenos poderes ofertados a figura masculina na sociedade brasileira. nas Ordenações:

Achando um homem casado sua mulher em adultério, licitamente poderá matar a ela, como o adúltero [...]. E não somente poderá o marido matar a sua mulher e o adúltero, que acha com ela em adultério, mas ainda os pode licitamente matar, sendo o certo que lhe cometerão adultério e entendendo assim provando depois o adultério por prova lícita e bastante conforme a Direito, será livre sem pena alguma [...]. (ORDENAÇÕES FILIPINAS, LIVRO V - TÍTULO XXXVIII, p.1188).

Ou seja, primeiro matasse a mulher e depois se preocupa em provar o adultério, fato não muito complicado numa sociedade que entendia a mulher como uma eterna dependente, incapaz social e juridicamente. Às mulheres não eram destinadas a mesmas prerrogativas, pelo contrário, de acordo com Silva a estas “*não se colocava sequer a possibilidade de serem desculpadas por matarem os maridos adúlteros, para os homens a defesa da honra perante um adultério feminino comprovado encontrava apoio nas leis*” (SILVA, 1998, p. 250), enquanto as assassinas de maridos adúlteros eram lançadas a própria sorte.

A família deveria representar no espaço privado uma extensão da moral cristã que via a mulher numa posição de inferioridade; o enlace do matrimônio, sacro pelo catolicismo, não deveria ser maculado e nem tão pouco dissolvido. No plano de vista econômico, o matrimônio era indispensável para a aristocracia e burguesia abastada que tinha todo o interesse de propriedade a considerar, pois o casamento representava, antes de tudo, preservação das terras e alianças sociais, sobretudo as de parentesco e fusões familiares de interesse. Praticando o adultério, elas resistiam a uma ideologia de poder. A violência era a forma pela qual a ideologia dominante e opressora buscou sair ilesa naquilo que lhe era mais caro “a preservação da honra e dos bons costumes”.

No livro o autor aponta esta realidade, o papel da polícia como cúmplice passiva do assassinio evidencia isto, o autor, em vários momentos da narrativa, faz críticas veementes a esta instituição. A família e a igreja também são criticadas. A mulher adúltera e ‘subversiva’ percorria dois caminhos no combate à opressão social no espaço privado: questionar os valores do casamento e a autonomia do marido. Com isso, ao longo do século XIX, ela

buscava modificar um comportamento social opressor em relação a ela, como também buscar mais conquistas emancipadoras.

CONCLUSÃO

O diálogo estabelecido entre a História Social e Literatura neste trabalho, permite uma interpretação cultural da sociedade na virada do século XX. Pois, como advoga Albuquerque Júnior (2007), a narrativa histórica não pode se distanciar do ficcional, já que ela é também uma narrativa, estabelecendo, portanto, uma relação de proximidade com o fazer artístico, no momento em que levanta uma problemática. A fonte literária, através dos jornais da época, ajuda na medida em que possibilita observar as intenções e condutas das mulheres e dos homens circunscritos nas práticas do adultério. Com isso se pôde se ter um olhar mais próximo dos acontecimentos, desmitificando sujeitos e possibilitando outras realidades. Além disso, é importante destacar a resistência ou adaptação dessas mulheres ao discurso dominante, sua atuação cotidiana, no sentido de organizar seus espaços de liberdade e gerir sua vontade de serem felizes, na convicção que as falas construídas para a reprodução ideológica dos sujeitos e da estrutura social não se forjam objetivamente.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Historia: A arte de inventar o passado**. São Paulo, 2007.
- ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro. **O sexo devoto: Normatização e resistência feminina no império português – XVI ao XVIII**. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH/UFPE, 2003.
- ARRAES, Raimundo. **O Pântano e o Riacho: A Formação do Espaço Público no Recife do Século XIX**. Humanitas- FFLC/USP. São Paulo, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico d Ciência da Lingagem**. São Paulo. Editora Hucitec, 1997.
- CARVALHO, Marcus J.M. de. **Liberdade: rotinas e rupturas no Recife do escravismo no Recife, 1822-1850**. Recife: Ed.Universitária, 2010.
- _____. Os símbolos do “progresso” e a “população” do Recife, 1840-1860;p.60. **Cidades brasileiras: políticas urbanas e dimensão cultural**. Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de São Paulo, Projeto de Cooperação CAPES/COFECUB, 1998.
- SCOTT, Jean. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Ávila. Recife: S.O.S Corpo, 1996

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

ORDENAÇÕES PHILIPINAS-LIVRO V – TÍTULO XXXVIII-P.1188.)
<http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/filipinas/ordenacoes.htm>

ZARIAS, Alexandre. **Das leis ao avesso**: desigualdade social, direito de família e intervenção Judicial tese(doutorado), USP, São Paulo, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer**. 7ª Ed, Petrópolis, RJ:Vozes, 2002.

SILVA, Maciel Henrique. & SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ª ed. 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008. p. 279-283.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. Editora Brasiliense, 1985.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: **Estudos Avançados**. Vol. 5, n.11. São paulo:1991.p.17.

MONTENEGRO, Antônio Torres- Org. **História: Cultura e Sentimento: Outras histórias do Brasil**. Ed. UFPE. Recife, 2008.

DUBEUX, Claudio Burle. 1845-1919. **O fotógrafo Claudio Dubeux**. Org. Bruno Dornelas Câmara. Apresentação George F. Cabral de Souza. Recife: CEPE, 2011.

REZENDE, Antônio Paulo. **As costuras das histórias: O Recife e a Modernidade**. Orgs. Natália Barros, Antônio Paulo Rezende, Jaílson Pereira da Silva. Ed. UFPE, Recife, 2012.

VALÉRIA. Augusti. **O Romance como guia de conduta**: ‘A Moreninha’ e os ‘Dois Amores’ Campinas, 1998. Tese de Mestrado.

SANTOS, Maria Emília Vasconcelos. **“Moças honestas” ou “meninas perdidas”**: Um estudo sobre a honra o os usos da justiça pelas mulheres pobres em Pernambuco Imperial(1860-1888). Recife, 2007.

SILVA, Sandro Vasconcelos da. **O costume da praça vai à casa: As transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentistas(1830 -1880)**. Tese de mestrado pela UFRPE, 2011, p. 15.